

BATRACOMIOMAQUIA OU BATALHA ENTRE RÃS E RATOS

NOTA DO EDITOR

Em 2000, um discente do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV/FFLCH/USP, Fabrício Possebon, atualmente Professor da Universidade Federal da Paraíba, apresentou à FFLCH/USP dissertação de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. JAA Torrano, intitulada *Batracomiomaquia: estudo e tradução*. Em 2003, o Programa publicou a dissertação de mestrado na coleção *Letras Clássicas* (POSSEBON, F. *Homero. Batracomiomaquia. A batalha das rãs e dos ratos. Estudo e tradução*. São Paulo: Humanitas, 2003.) e, em 2005, publicou artigo derivado da dissertação no n. 5 deste periódico (POSSEBON, F. A questão do gênero na *Batracomiomaquia. Letras Clássicas*. São Paulo, n. 5, p. 207-14, 2003 [2005].). Agora, publica a apresentação (= “Duas palavras”), lista de personagens (= “Figurantes da ratoranaguerra”) e tradução da *Batracomiomaquia*, publicadas anteriormente às p. 5-7 do n. 63, de 1º de janeiro de 1912, d’A *Ilustração Brasileira*.

Exemplar daquelas páginas foi encontrado pelo Prof. Dr. José de Paula Ramos Jr. no Álbum R-5 da série “Recortes Colecionados por Mário de Andrade” do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), que tem a guarda do legado de Mário de Andrade. Segundo o Prof. Dr. José de Paula Ramos Jr., a descoberta ocorreu casualmente, quando coletava material necessário à produção de sua tese de doutorado, dedicada à fortuna crítica de *Macunaíma*, de maneira que interessa não só aos estudos clássicos, uma vez que “supostamente contém a primeira tradução da *Batracomiomaquia* em versos portugueses, ainda que não realizada diretamente do grego”, mas também aos estudos brasileiros e, em particular, “à investigação de *Macunaíma*”. Informa ainda o Professor:

“Sabe-se que o estopim da rapsódia modernista de Mário de Andrade se deu quando o autor, em 1925, tomou conhecimento dos mitos amazônicos de *Macunaíma*, herói dos índios caribes, relatados por Koch-Grünberg (*Vom Roroimazum Orinoco*. Stuttgart: Strecker und Shröder / Verlag, 1924. v. 2). No entanto,

sabe-se também que, inconscientemente, Mário já reunia elementos para a composição da obra desde, ao menos, a época em que publicara o artigo ‘Curemos Peri’ (*Diário do Commercio*, Rio de Janeiro, 31/12/1921), precursor de idéias transfiguradas artisticamente em *Macunaíma*, tal como a de construção de uma identidade ajustada aos trópicos, mediante o critério do ‘nacionalismo crítico’, que valoriza a cultura popular e a contribuição das ‘raças’ formadoras da brasilidade, em meio ao processo histórico dinamizado pelas contradições decorrentes da permanência de heranças arcaicas em choque com a modernidade do país.

“O achado permite recuar até 1912, quando Mário contava 18 anos de idade, momento em que encontrou a matriz do gênero de que, de modo original, muito mais tarde se valeria. Não é ocioso supor a *Batracomiomaquia* como importante paradigma da ‘essência poema-herói-cômico’ (Mário de Andrade) investida na composição de *Macunaíma*. Da leitura do poemeto atribuído a Homero, Mário assimilou procedimentos depois incorporados à rapsódia, tais como a mistura do estilo elevado da epopéia com o estilo baixo, análogo ao da comédia, com intenção satírica, em que deuses se queixam de aflições comezinhas, próprias a homens comuns, e heróis, com toda a pompa da empáfia épica, não são mais do que seres considerados vis: ratos e rãs, no caso de Homero, e *tricksters* ou *outsiders*, no de Mário de Andrade.”

Essa e outra informação sobre *Macunaíma* encontram-se na tese de doutorado do Prof. Dr. José de Paula Ramos Jr., intitulada *A fortuna crítica de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)*, orientada pela Profa. Dra. Telê Porto Ancona Lopez, defendida no PPG Literatura Brasileira do DLCV/FFLCH/USP aos 8 de dezembro de 2006.

O nome do tradutor não consta nas páginas colecionadas por Mário de Andrade. Para conferir as outras páginas do n. 63 d’*A Ilustração Brasileira*, recorreu-se ao Setor de Referência da Biblioteca do Senado Federal, que o guarda sob a rubrica: “loc. VP obras raras: 414860-650”. Compulsado o volume, porém, não se encontrou o nome do tradutor em nenhuma parte. Assim, dá-se por anônima a tradução.

A Comissão Editorial de *Letras Clássicas* registra, pois, seus agradecimentos à colaboração do Prof. Dr. José de Paula Ramos Jr. e também à atenção dos funcionários do Setor de Referência da Biblioteca do Senado Federal.

A presente edição respeita em tudo a anterior, transcrevendo-lhe o texto tal e qual se lê nela. Assim, não só não se atualizou, mas tampouco se regularizou a grafia das palavras, que, de fato, não só é desusada, mas também irregular. A irregularidade deve-se a oscilações que, aliás, é difícil saber se, por sua vez, se devem ao tradutor ou ao editor. Seja como for, arrolam-se, a seguir, alguns tipos de oscilação que configuram a irregularidade:

1. algumas oscilações restringem-se a diferenças de escrita, por exemplo:

1.1. de letra: lê-se ora “trez”, ora “tres”;

1.2. de acento:

1.2.1. monossílabos tônicos em -u: lê-se ora “tú”, ora “tu”;

1.2.2. proparoxítonas: das proparoxítonas, que, em regra, não se acentuam (cf., porém, “época”), lê-se ora “epico”, ora “épico”;

1.2.3. nasais: lê-se ora “rãs”, ora “rans”;

1.2.4. encontros vocálicos: lê-se ora “idéa”, ora “ideias”;

1.2.5. pretérito mais-que-perfeito da 3ª pessoa do singular: lê-se ora “escrevera”, ora “torcêra”;

1.2.6. acento diferencial: lê-se ora “corô”, ora “côro”;

1.3. de palavras contraídas: lê-se ora “num”, ora “n’um”; ora “nesse”, ora “n’esse”; ora “desse”, ora “d’esse”; ora “della”, ora “d’ellas”; ora “esse entretempo”, ora “ess’alma”;

1.4. e composição nominal:

1.4.1. nomes próprios:

1.4.1.1. ora se justapõem, ora se separam por espaço os radicais, por exemplo: “Papodevento” e “Papo de vento”;

1.4.1.2. ora se justapõem, ora se separam por hífen os radicais, por exemplo: “Furtamigalhas” e “Furta-migalhas”; “Mordetripas” e “Morde-Tripas”; “Tropa-Panellas” e “Trepapanellas”

1.4.1.3. ora se justapõem, ora se separam por apóstrofo os radicais, por exemplo: “Pingodagua” e “Pingod’agua”;

1.4.1.4. ora se acentuam, ora não se acentuam os radicais, por exemplo: “Róepãoduro” e “Roepãoduro”; “Dormenolodo” e “Dormenolôdo”;

1.4.1.5. caso misto: “Quá-quá do brejo” e “Quaquádobrejo”;

- 1.4.2. nomes comuns: ora se justapõem, ora se separam por espaço os radicais; por exemplo, lê-se, numa mesma expressão: “tim-tim, por tim tim”;
- 1.5. de maiúscula: lê-se ora “Numes”, com inicial maiúscula, ora “numes”, com inicial minúscula;
- 1.6. de tipo: lê-se ora “*Batrachomyomachia*”, em tipos itálicos, ora “Batrachomyomachia”, em tipos normais;
2. algumas oscilações incluem diferenças de escrita e pronúncia, por exemplo: lê-se ora “autor”, ora “auctor”; ora “Serpolzinho”, ora “Serpôlzinho” (cf. “serpão, serpol ou serpelho”);
3. algumas alterações incluem diferenças de escrita e forma, por exemplo: lê-se ora “Furapresunto”, composto de substantivo singular, ora “Furapresuntos”, composto de substantivo plural; ou ainda, ora “heroi-comico”, composto de um substantivo e um adjetivo, ora “heroico-comico”, composto de dois adjetivos;
4. algumas oscilações incluem diferenças de escrita e sentido, por exemplo: lê-se ora “Papapratos”, ora “Rapapratos”.

A par de tais oscilações, há alguns problemas de edição, redação e tradução, que descrevo a seguir:

5. De edição:

- 5.1. repetição de palavra, por exemplo: repete-se o artigo em: “si o o seu auctor não foi realmente Homero”;
- 5.2. de separação de palavras, por exemplo: separam-se mal o artigo e o substantivo em: “Cascaram-me umah orrivel enxaqueca”;
- 5.3. de grafia: por exemplo, grafa-se mal o infinitivo latino em: “*Paradoxon dicero volo*”; ou ainda, falta uma cedilha em: “varado por um lancaço”;
- 5.4. de aspas, por exemplo: o brado de Rouba-migalha, introduzido em “Basta!” (v. 127) e concluído em “posto a cavalo” (v. 132), não está separado por aspas da narração do cantor; ou ainda, as aspas que se abrem em: “Venham!” (v. 436), não se fecham adiante, isto é, em: “legião” (v. 438);

- 5.5. de remissão a notas de rodapé: não se inserem no corpo do texto os números que remetem às notas de rodapé 7 e 8.
6. De redação: da tradução, toda vazada em versos decassílabos, seja heróicos (p. ex., v. 10: “Dos gigantes da Terra, asperos filhos”) seja sáficos (p. ex., v. 175: “E Róepãoduro, antes de todos, firme”), três versos há – e não mais – de que, todavia, se contam mais ou menos sílabas, a saber:
- v. 149: “Varejastes este naufrago á lagoa”, de que se contam onze sílabas. Poder-se-ia corrigir o verso, no entanto, substituindo-se a 2ª p. pl. “varejastes” pela 2ª p. s. “varejaste”, e, daí, elidindo-se o “e” final desta ante o “e” inicial da palavra seguinte, de modo a obter-se um decassílabo heróico, assim: “Va|re|jas|te es|te| nau|fra|go á| la|go|a”. De fato, nesse passo, em que se dirige a Papo-de-vento, Rouba-migalha usa da 2ª p. s. (cf. verbos: “vencerias”, “duvidas”, “retira-te”, “receberás”, “escapes”; pronomes pessoais: “te”, “te”; pronomes possessivos: “tua”, “teu” “teus”), de modo que o emprego da 2ª p. pl. é mesmo incoerente;
- v. 296: “Que, cá p’ra mim, não têm mais juízo”, de que se contam nove sílabas. Poder-se-ia corrigir o verso, entretanto, de dois modos, a saber: ou bem substituindo-se a forma sincopada “p’ra” pela original “para”: “Que|, cá| pa|ra| mim|, não| têm| mais| ju|i|zo”; ou bem invertendo-se a ordem das palavras: “Que|, cá| p’ra| mim|, ju|i|zo| não| têm| mais|”, ou ainda, dos grupos de palavras: “Que| não| têm| mais| ju|i|zo|, cá| p’ra| mim|”. Todas as soluções permitem, como se vê, obter-se versos decassílabos; da primeira, no entanto, as sílabas parecem acentuar-se de modo inconveniente, pois, se se acentua a 6ª sílaba, parece forçar-se a pronúncia, se é que o acento do verbo “têm”, que é a 7ª sílaba, prevalece sobre o do advérbio “não”, que é a 6ª; se, porém, se acentua a 7ª e, com ela, a 5ª, obedece-se à pronúncia, mas não à métrica, uma vez que todos os outros decassílabos, como se disse, são ou heróicos ou sáficos. De maneira que as melhores parece serem as segundas;
- v. 400: “E, quando o que quiz tirar, para defender-se”, de que se contam doze sílabas. Poder-se-ia corrigir o verso, no entanto, suprimindo-se “que” (que, de fato, sobra na construção do período), e sincopando-se “para” (como o tradutor mesmo faz no v. 296: “Que, cá p’ra mim, não têm mais

juízo”), de modo a obter-se um decassílabo heróico, assim: “E | quan | do
o | quiz | ti | rar |, p’ra | de | fen | der | -se”.

7. De tradução: comentários à tradução não cabem a esta nota. Dos muitos que se poderiam tecer, assinalem-se uns poucos, porém, por evidenciar-se no texto mesmo da tradução portuguesa, antes do confronto com o original grego:
 - 7.1. nomes das personagens, que se lêem na lista de figurantes e na tradução: Surpreende-nos que alguns nomes de personagens, que aparecem na lista, não reapareçam na tradução; por exemplo, “Farisca panellas”, que se lê uma única vez na lista, e “Trepá-Panellas”, que se lê duas vezes na tradução (v. 216, 335). Evidentemente, trata-se do mesmo nome próprio gr., *Embasikhytros*, traduzido de dois modos diferentes aqui e ali;
 - 7.2. emprego da 1ª p. na narração, que se vê nos v. 85-6 da tradução: Ora, no texto da tradução, tão logo conclui sua invocação-proposição (v. 1-10), o cantor enceta a narração, referindo-se às personagens na 3ª p., e assim segue até ao fim do canto, senão naqueles v. 85-6, em que se refere às personagens na 1ª. De fato, no início da narração, ao introduzir o diálogo entre a rã, “Papo-de-vento”, e o rato, “Furta-migalhas”, 1º na pergunta de Papo-de-vento, emprega a 3ª p. (v. 15: “[...] [um cidadão grasnento, isto é, Papo-de-vento] interpellou-o assim [...]”); 2º na resposta de Furta-migalhas, emprega ainda a 3ª p. (v. 37: “Eis que o Furtamigalhas replicou-lhe”); 3º na réplica de Papo-de-vento, porém, passa ao emprego da 1ª p. (v. 85-6: “Riu-se Papodevento, e as minhas phrases / Procurou rebater desta maneira”); 4º no remate do diálogo, porém, torna ao emprego da 3ª p. (v. 100: “Assim fallando, o lombo lhe offerece”). De maneira que se tem a impressão de que quem narra é, primeiro, o cantor anônimo, que se refere às personagens na 3ª p.; depois, a personagem mesma, Fuirta-migalhas, que se pronuncia na 1ª p.; enfim, novamente, o cantor – o que é incoerente por si. Tal problema, como se disse, evidencia-se no texto mesmo da tradução portuguesa, mas confirma-se, ademais, com a consulta ao original grego, onde só a 3ª p. se emprega na narração, nunca a 1ª. Assim, ao passo que, nos v. 85-6 da tradução, se lê a 1ª p.: “Riu-se Papodevento, e as minhas phrases / Procurou rebater desta maneira”, no v. correspondente do original, todavia, lê-se a 3ª p.: *pròs táde meidiásas Physígnathos antíon eúda* “A tais [palavras], a sorrir, Papo-de-vento respondeu” (v.56), ou seja, a 3ª p.: “a tais [palavras]”, e não, a 1ª: “as minhas phrases”;

- 7.3. anúncio da reunião dos bichos, que se lê nos v. 168-70 da tradução: No texto da tradução, após narrar o modo como Lambe-prato relatou aos colegas ratos a morte de Rouba-migalha (v. 160-3), e daí o modo como aqueles, comovidos, juraram vingar a morte deste (v. 163-7), o narrador, incontinente, diz que, em seguida, e na própria residência de Rói-pão, pai de Rouba-migalha, se reuniu o congresso dos anfíbios: “Reune-se dos amphibios o Congresso, / Em seguida, e na propria residencia / Do Roepãoduro [...]” (v. 168-70). Dos anfíbios?... Evidentemente, o correto era escrever: “dos ratos”. De fato, como se lê ainda no mesmo texto da tradução, é só após ouvir o clamor dos ratos, reunidos, que as rãs saltam fora d’água, para reunir-se elas mesmas: “Saltaram léstas fóra d’agua, e logo / Conselho nacional prompto reuniram, / A causa estranha do tumulto indagam” (v. 211-3). É o que comprova, ademais, a consulta ao original grego, onde se lê: *kai tóte kerýkessin heoís ekéleusan hyp’ órthon / kerýssein agorénd’ es dómata Troxártao* “e então aos seus núncios mandam anunciar / no levante [do sol] parlamento nos domicílios de Rói-pão” (v. 103-4), ou seja, são convocados para reunião em casa do pai de Rouba-migalha os ratos, e não as rãs;
- 7.4. descrição da morte de Porro, que se lê nos v. 381-8 da tradução: No texto da tradução, ao descrever a morte de Porro – ou, como se traduz, “Papacebolas” –, o narrador diz da alma dele que subiu aos pulos – como convém à alma de uma rã... – os degraus de Plutão: “E assim, ess’alma, abandonando o corpo, / Os degraus de Plutão subiu aos pulos” (v. 384-5). Mas o reino de Plutão é subterrâneo..., de maneira que para lá descemos todos, e de lá subiram à terra, como sabe o leitor, apenas os Orfeus, Teseus, Enéias, Hércules... De fato, no original, lê-se tão-só: [...] *psykhè d’ Aidósde bebékei* “a alma, por sua vez, foi para Ades” (v. 236), ou seja, nem “desceu” – o que, todavia, deve ter sido –, nem “subiu” – o que, decerto, não podia ser –, mas tão-só “foi” – o que, de fato, se lê –.

Contudo, na presente edição, tanto a falta de aspas, quanto a falta de remissão a nota de rodapé, são supridas com colchetes. Os mais problemas da edição anterior, descritos acima no “item 5”, apenas são assinalados pela expressão *sic*. Além disso, a presente edição acrescenta o subtítulo “Tradução” e também numera os versos da tradução, o que não faz a anterior.

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS
 Universidade de São Paulo
 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

A BATRACHOMYOMACHIA OU GUERRA DAS RÃS COM OS RATOS (POEMETO ATTRIBUIDO A HOMERO)

Duas palavras

Nutrida polemica se ha travado, entre eruditos, acerca da authenticidade do poemeto heroi-comico sobre a *Guerra das rans com os ratos*, attribuido a Homero, a cujas outras obras acompanha, nas multiplas edições, em tempo apparecidas.

Decidir positiva e peremptoriamente d'esta interminavel contenda é tarefa difficilima, quando até mesmo sobre a authenticidade dos dous monumentaes poemas de Homero, e sobre a sua propria individualidade, ainda ha duvidas e questões; comtudo, a maioria dos litigantes, renovando sabias pesquisas, propende para os conceitos de Herodoto, auctor de uma *Vida de Homero*, o qual attribue a *Batrachomyomachia* ao proprio auctor da Illiada e da Odysséa. Apenas Plutarcho, rematando seu livro sobre a malignidade de Herodoto, assegura que, segundo opinião retro, o auctor d'esse poemeto fôra um tal Pigretes, irmão de Artemisio. Quasi mil annos depois Suidas esposou essa opinião. Entre os modernos, talvez com demasiada franqueza, pronunciavam-se, neste sentido, alguns commentadores, notadamente Estevam Bergler e Daniel Heins. Contestaram taes assertos, entre os antigos, além do alludido Herodoto, Marcial, Estacio e o auctor da taboa illiaca,^a em que, sob o pedestal de Homero divinizado, passeiam alguns ratos;^b e entre os modernos João Zerze, Miguel Apostolio, Jacopo Gadd e Angelo Maria Ricci, que todos são pela authenticidade do cégo Homero. O hellenista frei Francisco Fontana, em commentario ao seu prefacio em verso da versão italiana, diz: "que a forma de sua poesia *sui-generis* tanto se assemelha á homérica que, si o o [*sic*] seu auctor não

^a Esta lapida foi encontrada nas ruinas de uma casa de campo do Imperador Claudio; e Pope, no seu ensaio sobre a vida de Homero, deu-nos rapida idéa da inscrição lavrada. E o fleumatico Archelau de Priennas, á vista das homenagens divinas tributadas, em varios logares, ao grego poeta, lembrou-se de figurar a apothese deste em uma escultura, o que executou com tal perfeição que nenhum trabalho desse genero se pode desejar que o exceda.

^b Ha tambem quem supponha que estes pequenos e roedores animaes tenham sido alli esculpidos, pelo artista, como um symbolo dos zoilos do tempo, que pretendiam corroer a geral reputação do cantor da Illiada e a sua immortal epopéa.

foi realmente Homero, foi, pelo menos, outro poeta tão inspirado como este, e indubitavelmente sem contemporâneo.” Si na *Batrachomyomachia*, afirma o traductor, ha phrases e processos que não se deparam na *Illiada* e na *Odysséa*, isto não prova cabalmente que o referido poemeto seja apocrypho, menos ainda de outra data, pois ás composições de indole e assumptos oppostos convém palavra e estylo tambem em tudo differentes; na realidade, um poemeto heroico-comico não pode ter a elevação das magnas epopéas; além de que variam de modo tal, entre si, os colligidos manuscriptos da *Batrachomyomachia*, que não se pode assegurar qual a edição mais verdadeira, nem manuscripto algum foi encontrado isento de alterações e corrigendas para melhorar o texto.

Corre que o epico grego escrevera este gracioso poemeto quando em Bolipo, nas proximidades de Chio, domiciliado por argentario que o recolhera, confiando-lhe desde logo a educação de seus filhos. Tal a belleza e perfeição d’essa peça poetica no original grego, que antigos e eminentes sabios commentadores não só o nivelam á *Illiada* e á *Odysséa*, mas ainda opinam alguns pela sua superioridade. Neste numero inclue-se o hellenista Jacopo Gadd, no 1º tomo dos escriptores não ecclesiasticos.^c Se a *Batrachomyomachia* é realmente producção do immortal épico, devemos admirar a grandeza do genio do poeta, que não só foi o mestre da poesia heroica, mas ainda da burlesca e satyrica, na qual, mais tarde, celebravam-se na velha Italia, Triponi e Bracciolini; na França, Boileau; em Portugal, Diniz; e os brasileiros Mello Franco, José Bonifacio, A. de Sá, autor da *Chapeleida*; não esquecendo extramalhadadas peças comico-satyricas^d nos primeiros tempos de sua carreira litteraria.

Empreheendi a presente versão não do original, pois até lá me falha a competencia, mas calcando-a sobre textos italianos, que os ha de superior quilate. Dentre estes, muito me vali dos trez que mereceram ser editados na *Colluma da poeti greci*, impressa em Livorne, em 1805; da do padre Francisco Fontana, em

^c Eis as palavras deste autor: Paradoxon dicero [sic] volo, licet verear censores, vel Mornos. *Batrachomyomachia* videtur mihi nobilior, propiorque perfectione quam *Odysséa* et *Illias*: immo utramque superat judicio ac ingenio et proestantia texture, cum sit poema ludicrum excellens.”

^d Traponi é autor da *Secchi Rapita* ou balde virebudo, poema em 12 cantos em oitavos. Bracciolini compoz o *Scharno degli Dei* ou o escarneo dos deuses, poema em cantos oitavados. Boileau é o autor do *Lutrin*, ou a estante do coro, poema em 6 cantos alexandrinos. Diniz compoz o celebre, *Hysope*, em 8 cantos e versos heroicos soltos. Mello Franco e José Bonifacio são os autores do poema *Estupidex* em 4 cantos.

versos heroicos soltos e a mais fiel ao original, da de Angelo Maria Ricci, em sextilhas de versos septenários; e da de Antonio Lavagnoli, em tercetos, como os da Divina Comedia.

Figurantes da ratoranaguerra:

RATOS:

PSICHARPAX Furtamigalhas
TROXARTE Róepãoduro
LICHOMYLA Lambe-lambe
PTERNOTROCTES Furapresento
LICHOPINAX Papapratos
EMBASICHYTROS Farisca panellas
LICHENOR Mordetripas
TROGLODYTA Vivenatoca
ARTOPHAGO Pannivoro
TYROGLYPHO Furaqueijo
PTERNOPHAGO Trincafiambre
CNISSODIOCTE Preferetorresmos
SITOPHAGO Farinheiro
TYROPHAGO Devoraqueijo
PTERNOGLYPHO Ratafiambre
PHILTREU Sympathico
ARTEPIBULO O espreitapão
MERIDARPAX Bifatudo

RÃS:

PHYSIGNATHO Papodevento
PELEU Limoverde
HYDROMEDUSA Perereca Excelsa
HYPYSIBOAS Martello-mór

PELION Roncador
SENTLEA Acelgasinha
POLYPHONO Grasnaforte
LIMNOCHARIS Mimodolago
CRAMBOPHAGO Couvivora
SIMNISIO Quá-quá do brejo
CALAMINTHA Neveda
HYDROCHARIS Pingodagua
BORBOROCITO Dormenolodo
PRASSOPHAGO Alhivoro
PELOBATA Patinhalama
PRASSEU Cebollinha
CRANGASIDO Grasnalhão
OCIMIDO Mangerico
ORIGANION Serpolzinho

[Tradução]

Quero que possa o côro das Camenas
Baixar do Helicon até minh'alma
E o canto me inspirar, que aos sons da lyra
Burilarei em laminas talhadas
De alvo marfim na clara superficie, [5]
Para que dos mortaes chegue aos ouvidos
A contenda assombrosa, a retumbante
Acção mavorcia, que co'as rãs travaram
Os ratos, obumbrando a valentia
Dos gigantes da Terra, asperos filhos. [10]
Um rato sitibundo, que escapára
Ás unhas de uma gata, mergulhando
O tremulo focinho em lago proximo,

No líquido sendal refrigerava-se,
 Quando da beira um cidadão grasento [15]
 O viu e interpellou-o assim: “Estranho
 Tua presença aqui! Quem és? de onde
 Vens tu, ó forasteiro? qual tua origem?
 A tudo me responde, e me não mintas,
 Que o caso é serio e de importancia maxima; [20]
 Si manténs o decôro, á minha casa
 Te levarei, e muitos e preciosos
 Dons da hospitalidade acharás nella.
 Papo de vento chamam-me, e comtudo
 Outra cousa não sou, no fim de contas, [25]
 Sinão um pertinaz e furibundo
 Martelador de ouvidos, com fumaças
 De audaz capitão-mór das pererecas.
 Gerou-me Limoverde em seus amores
 Com a das rans Imperatriz excelsa, [30]
 No leito nupcial do rio Eridano.¹
 Mas, quem és tú? és esperto, esguio e bello,
 Tens na apparencia o aspecto principesco
 De quem usa ostentar espada e sceptro!...
 Anda, responde sem demora, explica [35]
 Da tua clara estirpe o nome e a fama.”
 Eis que o Furtamigalhas replicou-lhe:
 “Amigo, por que assim indagas tanto
 De minha estirpe? conhecida é ella
 Dos homens e dos deuses e das aves [40]
 Que vôam pelo azul. Furtamigalhas

¹ Nome grego do *Pó*, em latim *Pado*, rio da Italia.

Chamo-me, e filho sou dos bem casados
Lambe-lambe e Róe-róe, Lambisca tudo.
Nasci em farto armario, e fui criado
Com figos, nozes, roscas e sequilhos. [45]
Como pretendes tu minha amizade
Si, por natura, differimos tanto?
Tu n'agua encontras nutrição, ao passo,
Que, para o meu sustento, eu não dispenso
As iguarias mil que os homens usam, [50]
E que, faminto, a farejar, encontro
Em redondo cestinho; ou tôfa torta
Recheada de queijo ou de presunto;
Finas talhadas, figados envoltos
Em leves *papilotes*, fructa e doce [55]
De leite e de ovos em fôlhadas massas,
Com que os Numes do Olympo lamberiam
Os beijos si as provassem; não falando
Nesses apimentados quitutinhos
Que honram dos cozinheiros a pericia. [60]
Nunca jamais fugi da guerra aos toques;
A contrario, mal cheira-me a chamusco,
Intrometto-me logo entre os primeiros
Que se ostentam na linha de batalha.
Ao homem de maior vulto, de corpo [65]
Volumoso, eu não temo, e si elle dorme,
Trepo-lhe ao leito e mordo-lhe as orelhas,
Dando-lhe dentadinhas arditosas
Ora no calcanhar, ora na ponta
Dos dedos, de maneira que não dôa, [70]
Comtanto que lhe vá tirando o somno.
Trez cousas sómente neste mundo

Susto me causam: o milhafre² e os gatos,
 Que me dão mil cuidados; e astuciosa
 Ratoeira subtil, onde me aguarda [75]
 Destino incerto, que me eriça o pello.
 Oh! e as gatas? todas tão espertas
 Que, além de farejar-nos pelo rasto,
 Até pelo cachaço nos agarram,
 Mettendo nos buracos mais escuros [80]
 As macias patinhas setinosas!...
 Não cómo salsa, rábanos, nem couves,
 Abóbora-menina, ou verde acelga,
 Manjares de vocês que moram n'agua.”
 Riu-se Papodevento, e as minhas phrases [85]
 Procurou rebater desta maneira:
 “Muito te orgulhas tu, fofo ratinho
 Da barriguinha que enches dia e noite;
 Bellas cousas tambem, bellas e esplendidas,
 Temos nós, tanto em terra como n'agua, [90]
 Onde vivemos simultaneamente;
 É um prazer, um gozo, uma delicia
 Pular na terra e mergulhar num rio;
 Bemdito seja o filho de Saturno
 Que se lembrou de nos fazer amphibias!... [95]
 Queres verificar quanto te conto?
 Nada te custará: monta-me ás costas
 E aconchega-te a mim, para que salvo
 Chegues e satisfeito á minha casa.”
 Assim fallando, o lombo lhe offerece, [100]

² Ave de rapina excessivamente voraz; prefere as ratasanas.

– E o rato em cima lhe saltou de um pulo,
As patinhas prendendo ao molle papo.
A principio alegrou-se o coitadinho,
Não lhe desagradando o nadar manso
Do agil Papodevento; mas apenas [105]
Sentiu que se afastavam já da praia,
E que no centro, no mais fundo, estavam,
Tardo arrependimento, agora inutil,
Assalta o triste, debulhado em lagrima:
Arranca o pello, os fios dos bigodes, [110]
Comprimindo com as patas a barriga,
Sentindo o coração pular no peito
Da arriscada aventura aos sobresaltos,
Querendo, mais que nunca, em taes apuros,
Ficar longe d’ali, pilhar-se em secco. [115]
Vel-o causava lastima, – coitado!
E suspirava, a tiritar de medo!...
Ora, nas aguas dá mergulhos; ora,
Gambeteando, torna a vir á boia:
Mas não pôde evitar o atroz destino! [120]
A cauda estende sobre as crespas aguas,
Della fazendo remo, e em vão supplica
Para tornar á beira, – qual! – os deuses
Surdos se mostram... E elle sobe e desce
No constante vae-vem da superficie; [125]
Das guelas solta gritos estridentes
Bradando: [“]– Basta! Já não posso... eu morro!
Assim’ [sic] outr’ora, não levou o Touro,
De Europa, a Creta, o amoroso pêso.
Como, no liso espelho resvalando, [130]
O verde corpo ao seu esconderijo,

A rã me conduziu posto a cavallo.[³]
 Mas eis que, de repente, – oh, transe horrivel!
 Lhes apparece um hydro,³ que ergue o collo
 Direito fóra d’agua. Ao ver a bicha [135]
 – Uma luzente e fina cobra d’agua –
 Papodevento subito mergulha
 E põe-se a salvo, se collando ao lodo,
 Sem pensar em que risco o socio deixa,
 Que, abandonado, subito se estica [140]
 De costas, as mãosinhas apertando,
 E, certo de morrer, gemendo guincha.
 Mas os hirsutos pêllos ensopados
 Mui pesado o tornavam, e, já prestes
 A se afogar, com força assim pragueja: [145]
 “Não ficará tua perfidia occulta,
 Papo de vento desleal; de cima
 Do teu corpo, tal como de uma rocha,
 Varejastes este naufrago á lagoa;
 Eu, em terra, perverso, com as armas [150]
 Na mão, faria face aos teus assaltos,
 E não me vencerias com certeza,
 E se duvidas, do aguaçal retira-te,
 Que provas te darei de quanto digo.
 Mas um Deus⁴ justiceiro, que vê tudo, [155]
 Ha de vingar-me, te punindo em breve:
 Receberás dos ratos, sem que escapes,
 O justo premio de traição tamanha.”
 E a cabeça pendeu, morrendo logo.

³ Macho da hydra.

⁴ Vestigios de ideias hauridas nos livros sagrados.

Rapapratos, que então sentado estava [160]
Na verde riba, aquillo ouvindo, e vendo,
Foi tim-tim, por tim tim revelar tudo
Aos nedios ratos que encontrou: Os ratos,
Em soluços e lagrimas, raivosos,
Compartilham as dores do inditoso, [165]
Jurando, em côro, não deixar impune
A criminosa acção do trêdo sapo.
Reune-se dos amphibios o Congresso,
Em seguida, e na propria residencia
Do Roepãoduro, o pae do miserando [170]
Furtamigalhas, cujo inerte corpo
Ainda boiava, – o naufrago insepulto, –
Ao sol, e de barriga para cima.
Todos ao clarear, promptos se achavam,
E Róepãoduro, antes de todos, firme [175]
No furor da vingança, ardendo em odio,
Chorando de saudade o filho morto,
“Illustrissimos”, disse, “embora affecte
Mais a mim que a vocês aqui reunidos
Esta affronta das rãs, a enorme offensa [180]
Os brios fere de uma raça inteira,
Ai de mim! já perdi tres caros filhos:
O primeiro matou-m’o a odiosa gata
Com as unhas sacando-o d’um buraco;
Deram homens crueis a outro a morte [185]
Numa terrivel machina de arame
E páus pintados, com entrada facil
E impossivel sahida ponteaguda,
Que dos ratos dá cabo, e que elles chamam
Ratoeira. Ficava-me o terceiro [190]

Que da virtuosa mãe era a delícia!
A este ora afogou Papodevento
Do lago no fundão. Todos, portanto,
Contra as rans vamos já sair a campo
Munidos de lustrosas armaduras. [195]
Ricos ou pobres, fortes ou covardes.”
E logo nas canellas saltitantes
Foram calçando, á moda de polainas,
Verdes caroços de pequenas favas,
Que haviam roido nessa mesma noite. [200]
E do couro de um gato, que esfolaram,
Fizeram as couraças, debruadas
De palha, com artisticos labores,
Uns sustentando umbigos de candeia
Qual escudo, e, por lança, ponteagudos [205]
Espinhos quaes agulhas penetrantes;
D’ão o arnez de guerra, e os capacetes
Eram cascos de nozes bipartidas.
Assim armou-se toda a rataria;
E apenas seu clamor as rãs ouviram [210]
Saltaram léstas fóra d’agua, e logo
Conselho nacional prompto reuniram,
A causa estranha do tumulto indagam,
Quando brusco o cartel de desafio
Lhes apresenta o arauto astucioso [215]
Que era o Tropa-Panellas, o travesso
Filho do Furaqueijo, que dest’arte,
Empunhando o bastão, falou com emphase:
– “Ó rãs! rãs de uma figa, nós, os ratos,
Domando a custo os impetos da furia, [220]
Vos ordenamos que venhaes armadas

Para comnosco vos baterdes hoje,
Já que Furta-migalhas tão vilmente
Foi pello vosso rei Papodevento
Trahido e assassinado dentro d'agua. [225]
Saltem, pois, dentre vós, os mais valentes!"
Disse isto e foi-se embora. A taes ameaças,
O terror penetrou pelas orelhas
No coração das rãs. Papodevento,
Tremulo de emoção, ou remorso, [230]
Do queixume commum se ergue e responde:
"Nem o rato matei, nem eu, amigos,
O vi morrer. Naturalmente o triste,
Brincando se afogou por méro acaso,
procurando imitar, talvez, quem sabe? [235]
Das rãs o nado; e a mim, os delatores,
Imputam crime vil. Pois bem: tratemos
Do modo de dar cabo desses ratos
Calumniadores, perfidos e astutos.
Eu vos direi o que fazer nos cumpre: [240]
Perfeitamente armados e dispostos,
Na mais alta barranca enfileirados,
Em linha de batalha attentos, firmes,
Assim que os inimigos avistarmos
Sobre elles cahiremos papo a papo! [245]
E agarrando um a um pelo rabinho
Puxal-os hemos até dentro d'agua.
Elles, além do peso da armadura,
Não sabendo nadar, nesse mergulho
Todos se afogarão; e aqui, soberbo [250]
Trophéo será erguido aos arganazes!"
E ainda mal não tinha terminado,

A todos foi as armas fornecendo:
As pernas cada um cobriu com folhas
De malvas, que envolveu; e se encouraçam [255]
Todos de acelgas verdes; por escudos
Tinham folhas de couve; e esguios caniços
Na mão, por lança; na cabeça, cascos
De caracóes, por elmo; e com guerreiro
Aspecto estavam sobre as altas ribas [260]
Em ira ardendo, no estridor dos juncos.
Emtanto, Jove, no estrellado espaço,
Os numes congregou, e das alturas
Mostrou-lhes esse bellico aparato,
E os guerreiros innumeros, que affeitos, [265]
Saltitavam febris e resolutos
Naquellas grandes hostes, semelhantes
A exercitos tremendos de centauros
Ou de gigantes; e com riso ironico
Perguntava se alguém da immortal raça [270]
A defender as rãs se atreveria
Contra a furia dos ratos? E a Pallas?
Com ar malicioso interpellou-a:
– “Irás tu, disse, ó filha, socorrel-os
Contra o furor das rãs? São teus devotos. [275]
Ou seja pelo cheiro dos banquetes,
Ou seja pelo azeite derretido
Nos sacrificios, sempre vejo ratos
Dos teus alegres templos entre as dansas.”
Assim ponderou Jove. Rebateu-o [280]
Pallas, que de lisonja andava farta:
– “Jámais, querido pai, socorreria
Nessa afflicção os ratos: mil offensas

Tenho d'elles soffrido: ora espatifam-me
Grinaldas; ora as lampadas apagam, [285]
Sorvendo-lhes o azeite ahi contido.
Mas de todas as maguas a mais grave
Que causaram-me, foi a de roer
Um peplo que teci de lã mui fina
E arte esmerada. Eu mesma o fiosinho [290]
Torcêra com cuidado: e esses gulosos
O esburacaram. Quer mundos e fundos
O cirzidor⁵ de quem tomei-o a credito,
E com tanta exigencia me atropéla.
Tambem ás rãs não prestarei auxílio, [295]
Que, cá p'ra mim, não têm mais juizo:
Eu voltava da guerra, ha poucos dias,
Já cahindo de somno e extenuada
Da peleja; e grasnando a noite toda
Ellas não me deixaram pregar olho; [300]
Cascaram-me umah orrivel [sic] enxaqueca,
Furiosamente a martellar-me os miolos,
Sem um cochillo até cantar o gallo.
Fiquemos, pois, os deuses, todos, neutros,
Já que a estas olympicas alturas [305]
Não chegarão as lanças aguçadas
Que a vibrar estão prompts, quando mesmo
Se lhes opponha um immortal. Portanto,
Divirtámo-nos todos assistindo
Aos sinistros detalhes da contenda." [310]
Apoiaram os deuses tal proposta,

⁵ O logista ou a cirzideira, isto é, a modista.

Apinhando-se logo n'um mirante.
 Dois Feciaes,⁶ não obstante, vinham dando
 O signal; e os mosquitos, com as suas
 Enormes trompas fazem o mais rispido [315]
 Zumbido marcial; e Jove, em cima,
 Desencadeia um temporal desfeito
 De ventos, chuva, raios e coriscos,
 Presagio horrivel do nefasto rolo.¹⁷¹
 Martello-mór audaz foi o primeiro [320]
 Que, com um golpe da aguçada lança,
 O figado varou do Morde-Tripas,
 Pondo-lhe as ditas logo á chuva e ao vento.
 Este rodou no pó, sujando a bella
 Melena hirsuta de sedosos bulbos. [325]
 Cahindo em cheio sobre o seu cadaver
 As armas retiniram á distancia.
 Passaburaco ataca o Lamapodre;
 Vivenatoca investe contra os outros
 Que encontra pela frente, e de um no peito, [330]
 Finca iracundo a lança penetrante,
 Ao vencido agarrando a negra Morte;
 Logo, o Quaquádobrejo, sem demora,
 Tira-lhe a alma e o coração do corpo.
 Acelgueiro feriu Trepapanellas, [335]
 E Róe róe, interpondo-se, derruba-o;
 Chup'azeite, que avança destemido
 Contra o rei, Grasnaforte, cuja pança

⁶ Official publico, nuncio de guerra e de paz, apregoava-as em altas vozes, pelas esquinas.

¹⁷¹ Em todo caso, este trecho deixa transparecer que a acção se passa n'uma época em que as divindades do paganismo eram singularmente expostas ao ridiculo.

Furou de um golpe certo, trambolhando
Aquelle sobre o pó, de ventre aberto. [340]

Mimodolago, assim que o viu de bruços,
Mais lésto que o subtil Vivenatoca.
Passou-lhe um cambapé, e c'uma pedra
Tanto amassou-lhe a nuca, que de prompto
A opaca nevôa lhe cobriu os olhos. [345]

Mordetripas^[8] com o dardo reluzente
Na cabeça alvejou Mimodolago
E os bofes lhe varou de lado a lado;
Vendo isso, Couvivora, aos pulinhos,
Pela alterosa riba ia fugindo... [350]

Porém não mergulhára ainda n'agua
Quando o feriu de morte Limpapratos:
Estendido jazia co'as entranhas
Sahidas fora sobre os gordos lombos,
E o lago se tingiu em rubro sangue. [355]

Calamintho a guinchar nesse atropelo,
A barriga espetou do Escavaqueijo,
E, no tirar-lhe as armas, com espanto
Viu que o Furapresentos avançava
Na sua direção, prompto a feril-o... [360]

E, atirando-se n'agua, fez tibungue!
Nesse entretempo, o audaz Dormenolôdo
Vendo quanto o Sympathico era lerdo,
Certeira bodocada lhe dispara,

[8] Não pode ser. Morde Tripas, varado por um lanço [sic], expirou logo no inicio da contenda. Segundo Pylemeno, este combate não passa de engenhosa satyra contra o proprio Homero, que tinha o séstro de fazer resuscitar seus heroes, para de novo trazel-os á liça.

Virando-o de catrambrias. Pingod'agua, [365]
Apanhando uma pedra na barranca,
Traíçoeiro ao Trincafiambre a atira ás fontes,
Virando-o pelo avesso... O sangue pinga-lhe
Do tremulo focinho esborrachado,
Escorrendo na relva. Limpapratos [370]
Zás! lança-se ao feroz Dormenolodo,
Que, por sua vez, o recebeu impavido,
E a chuçadas o esmaga; e em noite eterna
Cerram os dois ao mesmo tempo os olhos.
Papacebolas, que bispado havia [375]
O Preferetorresmos, dá-lhe um bote,
Agarra-o com furor, e o foi puxando
Até o brejo, onde o deixou sem folego.
Com suas próprias mãos vingando a morte
Dos companheiros que a planície juncam, [380]
Furtamigalhas vae furando a pança
Ao tal Papacebolas, que estrebuxa
Sentindo as tripas fora da barriga.
E assim, ess'alma, abandonando o corpo,
Os degraus de Plutão subiu aos pulos, [385]
Deixando o acceso campo da batalha
Impregnado do cheiro nauseabundo
De nabos chocos. O Patinhalama
Vendo o que fez Furtamigalhas, lança-lhe
Um punhado de lama, e no focinho [390]
Tanto esfregouh'a, que o deixou sem vista.
Este, já cego, ás tontas atirou-lhe
Tanta pedrada, que uma, mais certa,
O pegou por acaso pelas pernas,
Quebrando-lhe as canellas, de maneira [395]

Que o misero não deu nem mais um passo.
Acudiu Grasnalhão em seu despique,
E com tal impeto o lanceou na pança
Que o junco entortilhou-se-lhe nas tripas,
E, quando o que quiz tirar, para defender-se, [400]
Vieram com elle as gordurosas visceras
Que o borrifaram todo, almiscarando-o...
Farinheiro, ao varrer tão certo golpe,
Para escapar, talvez, áquelle esguicho,
Espantado azulou sem mais tardança [405]
Tapando as ventas, tonto, embriagado.
Até que, enfim, pôde cahir num fôssso,
Para fugir á mal cheirosa morte.
N'esse interim, o Róepãoduro fere
No calcanhar Papodevento; e vendo-o [410]
Moribundo cahir, heroico investe
Furando-o impetuoso pelas costas;⁹ –
Para saval-o, avança Cebolinhas
Agitando o caniço ponteagudo,
No encalço do Pannivoro. O escudo ao golpe [415]
Resistiu, ficou nelle a ponta presa;
Ao mesmo tempo no seu cavo elminho
Feito de um caco de panella, forte
Vae martellando soffrego o divino
Serpólzinho,¹⁰ que Marte parecia! [420]

⁹ Também não pode ser: descobre-se em toda esta barafunda, preconcebida e proposital embrulhada, que os traductores de balde procuraram attenuar, demasiado sacrificando o texto original.

¹⁰ Serpão, serpol ou serpelho (*Thymas serpillum* C. Labiadas) planta aromática, que reunida ao alecrim, á alfazema e ao oribano, completará a fórmula dos incensarios pagãos.

Entre as rãs, e sósinho, aos mais arrosta
 A rataria em peso então se arroja
 Contra o tal, que aguentar não mais podendo
 O choque das phalanges, pula ao lago,
 Dizendo-lhes – babão! musco-me a tempo... [425]
 Entre os ratos havia heroico joven
 Do bravo Chup'azeite o bravo filho,
 Chamado Bifatudo, o descendente
 D'esses Furaburacos, celebrados
 Das antigualhas nos annaes gloriosos. [430]
 Ninguem, qual elle, mais se ergueu na guerra!
 Elle rival não tem excepto – Marte!
 Pois bem: junto á lagôa solitario,
 Postou-se silencioso e altaneiro
 De frente erguida a todos desafiando [435]
 Dizendo, entre outros desaforos – “Venham!
 Que sem tardança aniquilar eu juro
 A ranina legião;[”] e se tal disse
 Sobravam-lhe razões para dizel-o,
 Tal nelle era o valor e tal a força, [440]
 Se os homens e se os deuses não tivessem
 Confiança na sua estrella. Nesse instante,
 Zeus, que das pobres rans se compadece,
 Apiedou-se, e sacudindo a frente,
 – “Pipocas! – disse, basta de arreganhos, [445]
 Seu Bifatudo! Arre, você me assusta
 Com tantas e com taes fanfarronadas;
 Espera ahí, patife! – que eu te ensino;
 Vou mandar já e já Pallas e Marte
 D'esse arrota-proesas façanhudo [450]
 Na pista” – Disse, e rebateu-lhe Marte

– “Nem o poder de Pallas, nem a força
De Marte salvar pôdem d’esse aperto
As pobres rans: corramos todos juntos,
A socorrel-as, si é que ainda é tempo... [455]
E o vivo dardo que aterrou outr’ora
Os Titães invencíveis, o violento
Capanéo, e os ardentes, rudes bandos
Dos gigantes; e o Encelado soberbo
Aprisionou; a esse dardo coruscante [460]
Ninguem, por certo, se ha de oppôr ousado.”
Bravejou Marte; e de Saturno o filho
Raio ardente vibrou. Troando nos ares,
Fez tremer todo o salso e claro Olympo
Logo, girando esse terrível dardo, [465]
A sibillar voou da mão divina;
Ao repentino estrondo ambas as hostes
Se perturbaram; porém, nem por isso,
Deixou de proseguir a dura guerra;
A contrario, de mais ardor se animam [470]
Os invencíveis gloriosos ratos!...
Como que querem extinguir a raça
Dos arrhões poderosos e guerreiros!
Jove tem pena, finalmente, d’ellas
E gente lhes mandou que as socorresse: [475]
Presto acudiram no seu passo tardo,
Andando obliquamente, tropeçando;
Com dorso bigonal, quaes os testudos,
E bocca de tenazes, murcha e dura,
As unhas como ganchos, os pés zambros, [480]
Espadua luzidia, e costas largas,
Ossudos, tendinosos, tardamudos,

Octópodes, bicipites, manetas,
Com a pelle mais aspera que as conchas,
E exophthalmicos, numerozo exercito [485]
De Carangueijos. Estes, aparando
Aos ratos iam pés e mãos e rabos,
Vergando ao duro embate de suas lanças;
De maneira que, todos, assombrados
Não se atreveram mais a dar batalha, [490]
Abandonando o campo em debandada.
Mas o sol no poente enrubecido
Deu por findo o combate encarniçado
Que só durar um dia mais pudera,
Sob pena de abrir um grande claro [495]
Nos escuros annaes da Bicharia.